

Vibração na dança, “EM·NA” de Colectivo Glovo

Está claro que, quando entramos no jogo do teatro ou da dança, desejamos que nos conquiste. Sim, está claro que a dança ou o teatro, as artes cénicas em geral, devem-nos entreter. O contrário, o que seria? Aborrecer-nos?

Neste momento, entendo que quando falamos de entretenimento, a maioria de vezes, temos tendência a pensar em “produtos de consumo” com poucos nutrientes e de natureza descartável. Tendemos a pensar em espetáculos muito populares, que transitam pelas convenções do jogo mais padronizados e interiorizados, ou seja, os mais habituais e cómodos.

Entretenimento é quando algo capta a nossa atenção e faz-nos desconectar das nossas preocupações quotidianas. Subjacente a esta ótica corremos o risco de associar o entretenimento a uma espécie de disposição temporária, de escape das nossas inquietudes vitais. Corremos o risco de associar o entretenimento a uma espécie de anestesia ou de paliativo, contido num “pão e circo” que nos console...

O contrário de tudo isto, seria situar as artes cénicas no utilitarismo e na conveniência do terapêutico. As artes cénicas como medicina, como solução aos nossos problemas e desassossegos. As artes cénicas como chave para o conhecimento e a salvação.

Talvez, a dança, o teatro, o novo circo, a ópera... tenham algo. Talvez.

Em todo o caso, acho que é importante refletir sobre o entretenimento como algo plural e diverso e desvinculado das conotações mais desvalorizadoras, sinónimo do simples, do não complexo, do fungível, do inócuo, do populista...

O entretenimento é uma condição *sine qua non* do jogo que a dramatologia nos propõe. Esta, no sentido de partitura de ações para um espetáculo, consiste, entre outras coisas, em calibrar esse espaço de jogo com os espetadores/as, pois sem eles/as não há dança nem teatro. Se o espetáculo funciona é porque entramos no jogo e se entramos no jogo, então estaremos inevitavelmente entretidos/as.

Outras vezes, temos a oportunidade de assistir a espetáculos onde o entretenimento não é algo explícito ou de traço denso, senão algo subtil e quase secreto. Trata-se de joias que não são fáceis de encontrar em programação, porque a subtileza a esse entretenimento, que não aparece sublinhado por truques nem slogans comerciais ou temas oportunistas, normalmente escapam das modas ou dos conceitos em voga. Porém, isto não implica que se trate de propostas desfasadas ou de um sofisticado e elitistas nível crítico, só para iniciadas/os.

O último fim-de-semana de março de 2021, de 26 ao 28, estreou-se no Teatro Ensalle de Vigo, dentro do Festival Isto Ferve, EM·NA do Colectivo Glovo, uma jovem companhia de dança contemporânea de Lugo, formada por Esther Latorre (Lugo, 1990) e Hugo Pereira (Porto, 1994). Eu asistí no sábado 27, Dia Mundial do Teatro.

EM·NA é uma dessas joias que me referia na introdução, captura-te desde o início. Entretém e esse entreter-te é, um cultivo da sensibilidade que nos abre, que contribui a tão necessária porosidade. Só a partir delas, desde a sensibilidade aberta e a porosidade,

podemos ter acesso fluido e amável ao mundo que nos rodeia e inclusivamente ao que está mais além do visível, do audível e do inteligível.

Uma ventoinha, como um círculo prateado, pendurado no centro do palco, oscila tal qual um pêndulo. Este será um dos poucos elementos utilizados no espetáculo. Além disso, o dueto formado por Esther Latorre e Hugo Pereira e pela iluminação, desenhada por Pedro Fresneda durante a residência na sala de Vigo. Uma iluminação que não só estrutura a peça, senão que intervém e dialoga com o movimento dos corpos, amplificando-os e expandindo a reverberação energética que desprendem.

As primeiras sequências são um exemplo impressionante de simplicidade e qualidade máxima. Esther e Hugo parecem em diferentes posições debaixo das luzes. Vemos figuras quietas, estáticas. Mas nessa quietude e nesse estatismo, vibra impetuoso e contido o movimento que sentimos, como uma sequência, na escuridade. A intermitência entre a luz – presença visível e escuridão – presença invisível, separadas por *blackouts*, com o som contínuo da ventoinha e o ar que, por vezes, roça-nos, criam uma atmosfera que não só entretém os nossos sentidos, senão que absorve a nossa sensibilidade e suspende a nossa ânsia por entender. A dança não se entende, sente-se e, em EM·NA, é tal a força do sentir, na sua dimensão mais material e sensorial, que esta primeira passagem da peça seduz-nos irremediavelmente.

Ao mesmo tempo observei a magia: o puramente material e sensorial adquire, em virtude da qualidade do movimento e da atitude, assim como a sincronia radical da ação da iluminação, o feitiço que nos absorverá.

Há depois, de maneira ininterrompida, um mergulho ao largo da canalização vibratória que a coreografia conduz. Uma canalização coreográfica na que os corpos se amarram através do unísono, propulsando essa vibração, ou através de contactos e deslocações que confirmam a comunhão energética. Conjunções que fazem do dueto um só, ou dos dois uma unidade, que se desdobra nos corpos de Esther e Hugo.

Movimentos amplos, de impulso preciso, habitados por um subtexto motriz que é como uma corrente elétrica concentrada e que se transmuta em figuras de uma plasticidade subtil, de uma beleza estranha, desconhecida, fora dos cânones. Para isto também contribuem os olhares e, até me atrevera a dizer, que as fisionomias das caras e dos corpos de Esther e Hugo, tão singulares e pouco habituais, com a beleza da arte sacro românico. Feições peculiares, com um ponto espiritualizado e estático.

Os grãos de areia, movidos pelo vento ou pela água do mar, na praia do vídeo (realizado por Adrián González e Dani Rodríguez), traçam geometrias hipnóticas, também em unísono. Tal como os cabelos do dueto, soltos ao vento, olhando para o horizonte, fazendo girar as suas cabeças, os seus troncos, de costas para a camera. Os encaixes dos corpos de Esther e Hugo, os encaixes dos seus movimentos, concentrados ou em movimento, parecem seguir uns padrões equivalentes, a música instrumental e eletrónica de BABYKATZE, com as suas espirais atmosféricas, onde também se desdobra com movimento sonoro envolvente e vibrante.

O invisível é a vibração que nos toca. O visível e o audível, o movimento dos corpos, da luz, da música, da areia que, nas últimas sequências, manipula Hugo, sobre o palco preto ou sobre as curvas de Esther fazem de EM·NA uma membrana que se estende até nós. E transformamo-nos também em membrana e, sem nos dar conta, vibramos todas/os ao mesmo tempo, na mesma frequência e intensidade. E isto... isto também é uma forma de entretenimento, do que não nos anestesia, do que nos conecta, nos abre e calibra a nossa sensibilidade.

By Afonso Becerra de Becerreá

ARTEZBLAI: <http://www.artezblai.com/artezblai/vibracion-en-danza-em%C2%B7na-de-colectivo-glovo.html>

www.colectivoglovo.com